

Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinitivo Simples

Luís Filipe Cunha¹ & Purificação Silvano²

Centro de Linguística da Universidade do Porto³

1. Introdução

Em Cunha e Silvano (2006) foi adiantada a hipótese de que, pelo menos no contexto de construções completivas, o Infinitivo Simples comporta traços defectivos de temporalidade; em particular, defendeu-se a ideia de que as formas em causa podem determinar uma relação de sobreposição com o Ponto de Perspectiva Temporal (PPT) fornecido pelo verbo introdutor, caso este se revele relativamente “neutro” no que diz respeito à localização temporal da situação com que comparece. A defectividade dos traços temporais do Infinitivo Simples resulta da ausência de informação sobre a relação entre a situação representada e o momento de enunciação.

Na concepção em apreço, são considerados verbos introdutores relativamente “neutros” todos aqueles cujas propriedades lexicais, por si sós, não se revelam capazes de determinar a localização da situação representada na frase encaixada que seleccionam, podendo esta situar-se num intervalo anterior, sobreposto ou posterior ao ocupado pela eventualidade representada na frase matriz, i.e., não impõem restrições quanto à localização da situação representada pela frase subordinada.⁴ Assim, no contexto de verbos como *dizer* ou *afirmar*, podem ocorrer, sem problemas, situações que com eles estabelecem uma relação de anterioridade – tipicamente veiculadas pelas formas do Infinitivo Perfeito, construído com *ter* + Participio Passado não flexionado (cf. (1)) –, de posterioridade – obtidas geralmente a partir de *ir* + Infinitivo (cf. (2)) – ou de sobreposição, em que figura o Infinitivo Simples (cf. (3)):

- (1) O Reinaldo disse ter comprado um BMW.
- (2) O Reinaldo disse ir vender o seu BMW.
- (3) O Reinaldo afirmou possuir um BMW.

¹ Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

² Idem.

³ Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003.

⁴ Dados os objectivos a que aqui nos propusemos, teremos de deixar para trabalhos futuros a caracterização semântica e uma possível classificação dos verbos matriz que seleccionam completivas com Infinitivo.

Ao longo do presente trabalho procuraremos apresentar mais argumentos em favor da hipótese de que o Infinitivo Simples ostenta, na realidade, marcas de temporalidade. No sentido de justificar uma tal tomada de posição, procederemos a uma comparação sistemática entre o seu comportamento no contexto de orações completivas introduzidas por verbos relativamente “neutros” em termos de localização temporal das situações representadas pelas subordinadas com certas construções paralelas que integram o Presente do Indicativo. Como procuraremos demonstrar em seguida, o Infinitivo Simples e o Presente do Indicativo partilham propriedades semânticas comuns que só poderão ser explicadas pela presença de traços de temporalidade que caracterizam ambas as formas. Em particular, observaremos que tanto o Infinitivo Simples como o Presente recebe leituras de sobreposição e, em alguns casos, de posterioridade.

2. O Presente do Indicativo e o Infinitivo Simples: alguns comportamentos comuns

Na literatura, o Presente do Indicativo é consensualmente encarado como portador de marcas de temporalidade. Em particular, tem sido concebido como um tempo gramatical que se inscreve na esfera do presente, estabelecendo uma relação de sobreposição entre a situação que descreve e o PPT que selecciona, na grande maioria dos casos o intervalo da enunciação (cf., entre outros, Declerck, 1991; Kamp e Reyle, 1993; Lopes, 1995 e Oliveira e Lopes, 1995).

Ao longo deste trabalho, tentaremos mostrar que, dadas as circunstâncias apropriadas, o Infinitivo Simples em completivas de verbos como *dizer* e *afirmar* manifesta, igualmente, marcas evidentes de temporalidade.

No sentido de fundamentar um tal ponto de vista, iremos explorar, em seguida, alguns comportamentos comuns entre o Infinitivo Simples em completivas e o Presente do Indicativo, procurando demonstrar que muitos deles derivam directamente da presença de marcas de temporalidade que caracterizam estas duas formas. Assim, em 2.1., começaremos por investigar a importância da distinção entre estados e eventos nas possibilidades interpretativas das estruturas sob análise; em 2.2., reflectiremos sobre as condições que subjazem à emergência de leituras “futurativas” do Presente e do Infinitivo; em 2.3., debruçar-nos-emos sobre a ocorrência de interpretações habituais; finalmente, em 2.4., abordaremos a questão das restrições face a alguns verbos de operação aspectual.

2.1. A predominância de situações estativas em detrimento de predicacões eventivas

A selecção da classe aspectual da predicacão representada pelo Presente do Indicativo e pelo Infinitivo Simples em orações subordinadas introduzidas por verbos cujas propriedades lexicais não determinam a localização da eventualidade encaixada constitui, como veremos em seguida, um ponto de contacto relevante para a aproximação destas duas formas verbais.

Observando a co-ocorrência do Presente com eventos e estados, atesta-se uma maior frequência deste tempo gramatical com predicacões estativas, circunstância em

que recebe uma leitura temporal de “presente real”, isto é, em que descreve uma relação de sobreposição entre o estado e o seu ponto de perspectiva temporal (PPT). Dado o perfil durativo dos estados, o PPT, na realidade, encontra-se incluído no intervalo de tempo em que se localiza a referida situação.

A partir de uma observação rápida dos dados com orações subordinadas infinitivas introduzidas por verbos como *dizer* ou *afirmar* no *corpus Cetem Público*, verificamos que as ocorrências de predicados eventivos nas orações encaixadas são muito reduzidas, tal como, de resto, acontece normalmente com o Presente do Indicativo.

Tal como o Presente, o Infinitivo Simples com predicções estativas nas orações complemento estabelece com o seu PPT uma relação de sobreposição. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (4) A Ana disse que adora a Primavera.
- (5) O Rui disse estar constipado.

Parece-nos interessante salientar ainda que, tal como acontece com o Presente do Indicativo nesta construção de complementação, também o Infinitivo Simples pode assumir uma leitura temporal de duplo acesso. Assim, as duas eventualidades têm como PPT um intervalo de tempo que inclui não só o momento de enunciação original como também o momento de enunciação do relato e estabelecem com esse intervalo uma relação de sobreposição⁵.

Já mostrámos que o Presente do Indicativo e o Infinitivo seleccionado por verbos introdutores relativamente “neutros” co-ocorrem preferencialmente com predicados estativos e ostentam nesses contextos interpretações temporais semelhantes. Debruce-mo-nos agora sobre as co-ocorrências com predicados eventivos.

Uma das consequências em termos aspectuais do uso do Presente com eventos é, como descrito na literatura (cf. Smith, 1991; Binnick, 1991; Cunha, 2006), a comutação dos eventos em estados e a assunção de diferentes valores aspectuais como o habitual e o gnómico. Nestes casos, e tal como seria de esperar, a leitura temporal continua a ser a de sobreposição em relação ao PPT.

- (6) O João disse que escreve romances.
- (7) A Diana disse que pratica iôga.

Passando agora para o outro termo da comparação, ou seja, o Infinitivo em frases complexas com verbos introdutores como *dizer* ou *afirmar*, constatamos que as predicções eventivas também se podem transformar em estados e receber uma leitura de habitualidade, que ocorre com bastante facilidade, como veremos mais adiante. Observe-se o exemplo seguinte:

- (8) O actor afirmou representar peças de autores portugueses.

⁵ Para uma análise mais detalhada sobre a interpretação temporal do infinitivo com estados em construções completivas, confira Silvano (2003: 186-187).

Tal como sucede com o Presente do Indicativo, o estado descrito pelo Infinitivo sobrepõe-se temporalmente ao PPT, a saber o intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação original e o de relato.

No entanto, nem sempre se verifica esta comutação dos eventos em estados. Existem casos em que a ocorrência de um evento no contexto de verbos do tipo de *dizer* ou de *afirmar* simplesmente origina anomalia semântica, tanto com o Presente do Indicativo, quanto com o Infinitivo Simples. Os exemplos que a seguir apresentamos ilustram esta nossa afirmação:

- (9) * O João disse que perde as chaves de casa.
 (10) * O João disse perder as chaves de casa.

Há ainda contextos em que os eventos co-ocorrem com o Presente e com o Infinitivo em frases introduzidas por verbos como *afirmar* e *dizer* sem que o seu perfil aspectual básico seja de alguma forma alterado, como se pode observar em (11)-(14).

- (11) A Ana disse que leva o Afonso ao aeroporto.
 (12) A Ana disse levar o Afonso ao aeroporto.
 (13) A Maria disse que toma conta do bebé.
 (14) A Maria disse tomar conta do bebé.

Embora menos usual, de facto, tanto o Presente como o Infinitivo são compatíveis com eventos, assumindo nestes casos uma leitura temporal de posterioridade em relação aos respectivos PPT. Há, porém, diferenças no que concerne ao intervalo de tempo que funciona como PPT para cada uma das eventualidades representadas pelo Presente e pelo Infinitivo. Enquanto o PPT dos eventos encaixados em (11) e (13) é o momento de enunciação do relato, o dos eventos encaixados em (12) e (14) é o momento de enunciação original, isto é, o intervalo de tempo em que se localiza o evento *dizer*.⁶

Uma análise atenta dos exemplos que acabámos de apresentar leva-nos a defender a hipótese de que, nos contextos em questão, tanto o Presente do Indicativo quanto o Infinitivo Simples, quando combinados com predicacões de cariz eventivo, manifestam um traço temporal de [-anterioridade] em relação ao PPT com que comparecem. Na realidade, a adopção deste tipo de tratamento parece dar conta das diferentes possibilidades combinatórias com que nos confrontámos.

Assim, o traço [-anterior] associado ao Presente e ao Infinitivo permite, por um lado, acomodar, sem grandes dificuldades, as leituras em que estas formas projectam as predicacões para um intervalo de tempo futuro em relação ao respectivo PPT (cf. (11)-(14)), na medida em que nele se encontra contemplada uma relação de posterioridade.

⁶ A possibilidade de leituras “futurativas” do Presente do Indicativo e do Infinitivo Simples com verbos introdutores relativamente “neutros” quanto à localização das situações das subordinadas obedece a restrições que, em certa medida, parecem estar relacionadas com a veiculação de algum tipo de planificação, de agentividade ou de controlo. No entanto, a investigação das condições precisas que licenciam este género de interpretação terá de ficar para um trabalho posterior.

Mas, por outro, este traço fornece igualmente uma descrição adequada para os casos em que, não estando reunidas as condições necessárias e suficientes para uma leitura “futurativa”, os eventos ocasionam anomalia semântica (cf. (9)-(10)) ou remetem para uma leitura habitual (cf. (6)-(8)). De facto, se colocarmos a hipótese de que os eventos no Infinitivo e no Presente podem estabelecer com o respectivo PPT uma relação de sobreposição – relação esta que, naturalmente, é permitida pelo traço [-anterior] – poderemos obter uma explicação satisfatória para os casos em apreço. Nesse sentido, se os eventos mantêm o seu perfil aspectual básico, encontrando-se integralmente incluídos no respectivo tempo de localização (‘location time’), o seu carácter “concluído” entrará em conflito com os pré-requisitos associados à relação de sobreposição, que impõe a não delimitação da situação no intervalo representado pelo PPT, dando consequentemente origem a anomalia semântica. Essa relação de sobreposição poderá ser também invocada como o factor que desencadeia a comutação dos eventos em estados habituais, na medida em que este tipo de coerção aspectual propicia precisamente o carácter não delimitado requerido. Finalmente, o traço [-anterior] permite também, sem problemas, dar conta da leitura de sobreposição que se pode observar com as predicções estativas.

Sintetizando, no que diz respeito ao tipo de situações que co-ocorrem preferencialmente com o Presente do Indicativo e com o Infinitivo Simples em frases subordinadas introduzidas por verbos como *dizer* e *afirmar*, verificámos que pertencem maioritariamente à classe dos estados (básicos ou derivados). Tal como sucede também com o Presente, assiste-se, por vezes, a comutações aspectuais e adopção de valores habituais ou gnómicos. Não obstante os valores aspectuais diferentes, a caracterização temporal permanece a mesma para o Presente e para o Infinitivo: sobreposição da situação representada em relação ao respectivo PPT com estados e posterioridade (caso em que obtemos uma leitura de tipo “futurativo”) ou sobreposição (caso em que surge tipicamente anomalia semântica ou em que é forçado algum tipo de comutação aspectual) com eventos.

Lopes (1995) propõe, com base na teoria de Kamp e Reyle (1993), as seguintes propriedades típicas para o Presente do Indicativo:

[-passado] [+sobreposição] [+estativo]

Dado que é defectivo quanto ao parâmetro temporal que indica a relação entre a situação e o momento de enunciação ([+Passado / -Passado]) (cf. Cunha e Silvano, 2006), o Infinitivo Simples partilharia, então, nos contextos sintácticos e semânticos em apreço, as propriedades típicas de [+sobreposição] [+estativo].

Porém, uma proposta de análise nestes termos deixaria de fora as possibilidades de ocorrência do Presente e do Infinitivo em frases encaixadas com eventos e a leitura de posterioridade daí resultante. Importa realçar que a proposta de Lopes (1995) se refere apenas ao uso do Presente em frases simples e, efectivamente, neste tipo de configuração sintáctica, a selecção de eventos numa interpretação de posterioridade sem adverbais que remetam para o futuro ou um contexto específico que favoreça uma leitura “futurativa” resulta pouco natural (cf. (15)).

(15) # A Maria toma conta do bebé.

Por isso, propomos, no que respeita à caracterização do Presente do Indicativo e do Infinitivo Simples nos contextos em apreço, a adopção de um traço de [-anterioridade] que se traduz numa leitura consistente de sobreposição no que toca aos estados e na possibilidade de uma localização de sobreposição ou de posterioridade no que se refere aos eventos.

A caracterização do Infinitivo em frases complemento seleccionadas por verbos introdutores com propriedades lexicais diferentes das dos verbos definidos por nós como relativamente “neutros” anuncia-se distinta. Tal como demonstrado em Cunha e Silvano (2006), verbos como *prometer*, *pensar* ou *lembrar-se*, devido aos traços lexicais que incorporam, determinam a localização temporal das eventualidades descritas pelo Infinitivo Simples nas orações subordinadas. Nestes contextos, as semelhanças entre o Presente e o Infinitivo parecem dissipar-se, nomeadamente a predominância de situações estativas. Os dados analisados mostram que os eventos são tão frequentes quanto os estados. Por outro lado, como são as características lexicais dos verbos matriz que condicionam a interpretação temporal da eventualidade encaixada, a informação temporal do Infinitivo em orações completivas é desactivada para prevalecer a informação dada pelo verbo introdutor. Deste modo, as situações representadas pelo Infinitivo nestas configurações sintácticas podem estabelecer com o seu PPT ou uma relação de sobreposição (16), de posterioridade (17) ou de anterioridade (18).

(16) O João pensou ser um homem feliz.

(17) A Maria prometeu comparecer a todas as reuniões.

(18) Lembro-me de ouvir na televisão um concerto de Frank Sinatra.

2.2. Leituras “futurativas” e possibilidades de ocorrência com adverbiais temporais

Quer o Presente, quer o Infinitivo, em orações subordinadas introduzidas por verbos como *dizer* ou *afirmar*, podem co-ocorrer com adverbiais temporais que localizam a situação num intervalo de tempo posterior ao momento de enunciação. Considerem-se, a título exemplificativo, os seguintes dados:

(19) O João disse que parte para Évora amanhã.

(20) O João disse partir para Évora amanhã.

A utilização do Presente do Indicativo como marcador de uma situação futura está largamente documentada na literatura (cf. entre outros, Oliveira, 1985; Cunha e Cintra, 1994; Oliveira e Lopes, 1995; Oliveira, 2003). Tal interpretação emerge tipicamente perante a presença de adverbiais temporais que fazem referência a intervalos de tempo futuros em conjugação com predicções eventivas. Na verdade, na análise dos autores referidos, não é o Presente que constrói a localização temporal futura, mas sim o adverbial temporal. Nestes usos, o tempo gramatical veicularia tão-somente um valor modal de certeza ou de alta probabilidade.

Todavia, uma vez que o Presente do Indicativo conserva, ainda assim, a propriedade de [-passado], parece-nos que também nestes usos não ficará totalmente desprovido de marcas de temporalidade.

Quer o Presente do Indicativo, quer o Infinitivo Simples, no contexto de predicções eventivas e perante um marcador de localização temporal futura, apresentam as situações com que se combinam como desencadeando uma relação de posterioridade com o respectivo PPT. Este tipo de localização parece ficar a dever-se à interacção que se estabelece entre o traço [+posterior] que caracteriza os adverbais temporais e o traço [-anterior] que, como vimos atrás, se encontra associado às duas formas verbais em questão.

No que diz ainda respeito aos adverbais de localização temporal, o Presente e o Infinitivo ostentam comportamentos semelhantes perante a presença de adverbais que situam a eventualidade num intervalo de tempo anterior ao seu PPT. Vejam-se os exemplos em (21) e (22):

(21) * O João disse que parte para Évora ontem.

(22) * Ontem o João disse partir para Évora a semana passada.

A agramaticalidade destes exemplos aponta para a total impossibilidade de o Presente e de o Infinitivo, nos contextos pertinentes, representarem situações que estabelecem com o respectivo PPT uma relação de anterioridade. Isto significa que nestas circunstâncias as formas em causa nunca podem ser caracterizadas como ostentando o traço [+anterior].

Sublinhe-se que a possibilidade de leituras “futurativas” associadas ao Infinitivo Simples no contexto de verbos relativamente “neutros” quanto à localização da situação da oração subordinada que seleccionam parece constituir mais um importante argumento em favor da ideia de que as formas de infinitivo comportam, na realidade, marcas de temporalidade. Dado que não poderá ser atribuída ao verbo introdutor a capacidade de projectar a situação encaixada para um intervalo futuro, esta informação terá de estar, de algum modo, codificada na interacção que se estabelece entre o Infinitivo Simples e o adverbial que o acompanha.

Mais uma vez, o paralelismo desaparece quando observamos os dados em que as orações infinitivas completivas têm como verbos matriz *prometer*, *querer*, *pensar* ou *lembrar-se*, por exemplo, isto é, verbos que determinam a localização da situação descrita pelo Infinitivo. Nestes casos, a gramaticalidade, ou não, dos adverbais temporais é ditada pelas características lexicais dos verbos introdutores. Assim, em configurações em que os verbos principais obrigam à localização da situação encaixada num intervalo de tempo futuro ao seu PPT, a comparência de adverbais temporais que a localizem no mesmo intervalo de tempo que a situação da oração principal (cf. (23)) ou num intervalo de tempo anterior (cf. (24)) gera dados agramaticais. Mutatis mutandis, os mesmos princípios aplicam-se a verbos que situam as eventualidades no Infinitivo num intervalo de tempo passado (cf. (25)).

- (23) * (Actualmente) A Maria quer ser veterinária neste momento.
 (24) * O Rui promete ir à escola ontem.
 (25) * A Inês lembra-se de ir ao jardim zoológico amanhã.

Recapitulando, para além dos casos em que existe sobreposição, o Presente do Indicativo e o Infinitivo Simples em orações subordinadas completivas introduzidas por verbos relativamente “neutros” admitem apenas adverbais de localização temporal com valor de futuro. Nestes contextos, a relação temporal entre a situação e o respectivo PPT é determinada pelo adverbial temporal. Contudo, e apesar de o marcador de localização temporal ser, aqui, tipicamente o adverbial, há uma propriedade temporal que se mantém e é comum, a de [-anterioridade].

2.3. Leituras habituais

Quando combinado com situações de cariz eventivo, o Presente do Indicativo desencadeia, tipicamente, uma interpretação de habitualidade, mesmo na ausência de quaisquer adverbais quantificacionais, como (26) e (27) ilustram:

- (26) O João fuma.
 (27) O António canta ópera.

Este tipo de leitura habitual do Presente mantém-se no contexto de orações subordinadas introduzidas por verbos como *dizer* ou *afirmar*, como os exemplos seguintes nos revelam:

- (28) O João disse que fuma.
 (29) O António afirmou que canta ópera.

Poderemos dizer que a emergência deste tipo de leitura habitual se relaciona, em certa medida, com as propriedades temporais que atribuímos ao Presente do Indicativo: tendo em conta que o referido tempo gramatical requer a existência de uma relação de sobreposição da situação descrita com o intervalo de enunciação – o que, em última instância, significa que o seu decurso se pode prolongar para além do ponto de fala – e que os eventos se encontram obrigatoriamente incluídos no intervalo de localização (‘location time’) com que se combinam, apresentando-se, nesse sentido, como estando já terminados, uma maneira de compatibilizar estes dois requisitos, aparentemente contraditórios, passará pela comutação dos eventos em estados habituais. Graças ao padrão de repetição associado à expressão da habitualidade, torna-se possível obter uma eventualidade temporalmente não delimitada, conciliável, assim, com as características semânticas do Presente do Indicativo.

Sublinhe-se, porém, que existem constrangimentos à possibilidade de obtenção de leituras habituais com o Presente do Indicativo. Em particular, os eventos envolvidos têm de ser repetíveis e a propriedade atribuída que resulta da “perspectivação” de habitualidade deverá ser, de alguma forma, relevante (cf. Cunha, 2006). Contrastem-se os exemplos que se seguem, na interpretação que aqui nos ocupa:

- (30) # O Jorge disse que dorme.
 (31) # O Pedro afirmou que caminha.
 (32) O Jorge disse que dorme no estábulo com os cavalos.
 (33) O Pedro afirmou que caminha com dificuldade.

É interessante constatar que um padrão de comportamento idêntico se pode observar com completivas infinitivas introduzidas por verbos relativamente “neutros” no que se refere à localização temporal das situações das subordinadas que seleccionam, do tipo de *dizer* e *afirmar*, como os exemplos seguintes nos sugerem:

- (34) # O Jorge disse dormir.
 (35) # O Pedro afirmou caminhar.
 (36) O Jorge disse dormir no estábulo com os cavalos.
 (37) O Pedro afirmou caminhar com dificuldade.

Dada a inexistência, nas frases em questão, de qualquer expressão quantificacional sobre situações, como poderemos justificar a atribuição de uma leitura inequívoca de habitualidade a exemplos como os de (36) e (37)?

Se o Infinitivo Simples nestas frases fosse inteiramente desprovido de traços de temporalidade, o resultado esperado seria a anomalia semântica em qualquer dos casos, na medida em que a inclusão do evento no intervalo de localização que o acompanha remeteria para uma leitura preferencial de anterioridade. Como tal, a viabilização da interpretação habitual nestes contextos ficaria sem explicação.

Se, pelo contrário, e de acordo com o que temos vindo a propor, considerarmos que o Infinitivo Simples pode exibir o traço [-anterior], desencadeando uma leitura de sobreposição com o respectivo PPT, estaremos em condições de encontrar uma solução satisfatória para o nosso problema⁷: tendo em vista que as eventualidades que se sobrepõem a um dado PPT devem tipicamente poder prolongar-se para além desse intervalo, e que a expressão da habitualidade, como vimos, permite, graças à repetição de situações, criar um estado não delimitado, a adopção deste tipo de estratégia não seria de todo surpreendente.

Tal como sucede com o Presente do Indicativo, a leitura episódica em exemplos como estes deve ser, à partida, excluída, na medida em que a relação de sobreposição requerida se mostra incompatível com a obrigatoriedade de inclusão do evento no respectivo intervalo de localização e com a consequente obrigatoriedade de uma perspectivização de cariz terminativo (vejam-se as dificuldades na aceitabilidade de frases como as de (34) e (35)). Para que as estruturas em apreço possam ser devidamente licenciadas, torna-se necessário recorrer à expressão de um estado habitual que, revelando a capacidade de se prolongar para além do PPT seleccionado, responde

⁷ Sublinhe-se que, apesar de o traço [-anterior] possibilitar uma interpretação de posterioridade tanto para o Presente do Indicativo como para o Infinitivo Simples, tal como foi discutido em 2.1. e em 2.2., os exemplos sob análise parecem não reunir as condições necessárias para o licenciamento de uma leitura de tipo “futurativo”, o que significa que a única relação viável nestas condições será a de sobreposição.

satisfatoriamente aos requisitos impostos pela relação de sobreposição associada às formas infinitivas. Será, pois, a imposição de uma leitura de sobreposição que vai desencadear a leitura habitual em frases como (36) e (37).

Não surpreende, por conseguinte, que, com os verbos que, de alguma forma, condicionam temporalmente a localização das situações das orações infinitivas seleccionadas, a interpretação habitual não se encontre, à partida, disponível, sendo a leitura episódica aquela que preferencialmente vai ser viabilizada. Na verdade, em casos como estes, os traços defectivos de temporalidade manifestados pelo Infinitivo Simples são desactivados pelas imposições temporais do verbo matriz. Os exemplos seguintes confirmam a predição que acabámos de fazer:

(38) O Jorge quis / prometeu dormir no estábulo com os cavalos.

(39) (Ao planear o seu passeio), o Pedro previu caminhar com dificuldade.

2.4. Verbos de operação aspectual

Um outro ponto de convergência importante entre o Presente do Indicativo e o Infinitivo Simples quando este é seleccionado por verbos do tipo de *dizer* ou de *afirmar* prende-se com as restrições à comparência de certos operadores aspectuais, sugerindo, mais uma vez, a pertinência da hipótese de que ambas as formas partilham algumas propriedades temporais comuns.

Na realidade, o Presente do Indicativo parece poder surgir unicamente com verbos de operação aspectual que, de alguma forma, dão origem a um “output” de cariz estativo. É o que sucede, por exemplo, com o Progressivo (cf. (40)) ou com *continuar a*, quando combinado com estados (cf. (41)).

(40) O António disse que está a fazer a barba.

(41) A Rita afirmou que continua a ser amiga da Maria.

Pelo contrário, os verbos de operação aspectual que remetem para “outputs” que exprimem transições de cariz não durativo, como acontece com *começar a*, com *parar de* ou com *acabar de*, ocasionam tipicamente anomalia semântica no contexto do Presente do Indicativo. Os exemplos seguintes parecem confirmar um tal facto⁸:

(42) * A Maria disse que começa a rir.

(43) * O Ricardo afirmou que pára de agredir o polícia.

(44) * O Pedro disse que acaba de ler o jornal.

O comportamento das formas de Infinitivo Simples face aos diferentes operadores aspectuais, no contexto de verbos introdutivos relativamente “neutros” quanto à localização da situação da frase subordinada que seleccionam, parece ser inteiramente

⁸ Em contextos específicos, em particular aqueles que reforçam a ideia de agentividade e de planificação, poderemos obter frases em que comparecem estes operadores aspectuais com uma leitura “futuraiva”.

paralelo ao que observámos para o Presente do Indicativo. Assim, operadores que induzem “outputs” de natureza estativa, como o Progressivo ou como *continuar a*, são perfeitamente aceitáveis (cf. (45)-(46)), em contraste com aqueles que remetem para “outputs” eventivos pontuais, como *começar a*, *parar de* ou *acabar de*, que normalmente desencadeiam anomalia semântica (cf. (47)-(49))⁹:

- (45) O António disse estar a fazer a barba.
- (46) A Rita afirmou continuar a ser amiga da Maria.
- (47) * A Maria disse começar a rir.
- (48) * O Ricardo afirmou parar de agredir o polícia.
- (49) * O Pedro disse acabar de ler o jornal.

Assumindo que a evidente preferência por verbos de operação aspectual com “outputs” de cariz estativo manifestada pelas formas do Presente do Indicativo resulta da imposição, na maioria dos casos, de uma relação de sobreposição ao PPT induzida por este tempo gramatical – dado que, como já referimos, apenas os estados se podem prolongar para além do respectivo intervalo de localização –, a melhor forma de dar conta das claras semelhanças entre os comportamentos observados em frases como (40)-(44) e (45)-(49) passará, a nosso ver, por atribuir também às formas de Infinitivo Simples envolvidas traços de temporalidade idênticos, i.e., encará-las como estabelecendo uma relação de sobreposição com o PPT fornecido pelo verbo introdutor.

O facto de o Presente do Indicativo e o Infinitivo Simples darem consistentemente origem a anomalia semântica quando combinados com operadores aspectuais que manifestam um “output” eventivo parece indicar que, mesmo com eventos, a leitura de sobreposição será, em certa medida, a preferencial, estando as interpretações de tipo “futurativo” condicionadas por um conjunto de restrições específicas que, embora não tenham sido devidamente exploradas neste trabalho, as tornam, de alguma forma, mais “marcadas”. Uma tal constatação estaria, de resto, em conformidade com o que é dito na literatura sobre as propriedades temporais do Presente do Indicativo (cf. Lopes, 1995; Oliveira e Lopes 1995) e mesmo sobre o Infinitivo Simples (cf. Cunha e Silvano, 2006).

Não será de todo surpreendente, por outro lado, constatar que, no contexto de verbos matriz capazes de determinar, de uma forma ou de outra, a localização da situação da subordinada que seleccionam, as restrições acima referidas não se verificam, na medida em que, em casos como estes, as marcas temporais que resultam do traço [-anterior] atribuído ao Infinitivo Simples não se encontram activas. Os exemplos que se seguem parecem confirmar que, quando o verbo principal interfere na localização da situação da oração infinitiva, todos os operadores aspectuais são normalmente admitidos sem problemas:

- (50) O António pensou estar a fazer a barba.
- (51) A Rita prometeu continuar a ser amiga da Maria.
- (52) A Maria desejou começar a rir.

⁹ Cf nota 8.

- (53) O Ricardo jurou parar de agredir o polícia.
 (54) O Pedro planeou acabar de ler o jornal.

Em suma, a observação dos contrastes de aceitabilidade no contexto dos diferentes operadores aspectuais permite-nos concluir que os Infinitivos Simples seleccionados por verbos matriz relativamente “neutros” quanto à localização da situação representada pela frase subordinada ostentam um comportamento semântico muito próximo do que caracteriza as construções com o Presente do Indicativo – em particular no que se refere à rejeição de “outputs” de cariz não estativo –, o que poderá constituir mais um argumento em favor da presença de traços temporais (no caso em apreço de sobreposição) naquele tipo de configurações.

3. Conclusão

Ao longo deste trabalho, observámos que o Presente do Indicativo e o Infinitivo Simples seleccionado por verbos relativamente “neutros” quanto à determinação da localização das eventualidades presentes nas subordinadas com que comparecem partilham propriedades semânticas importantes. Os paralelismos mais evidentes dizem respeito:

- à selecção preferencial de predicções estativas em detrimento das eventivas;
- à possibilidade de leituras “futurativas” vs. impossibilidade de leituras de anterioridade;
- à ocorrência de leituras habituais, mesmo na ausência de marcadores linguísticos que explicitamente quantificam sobre situações;
- à selecção de determinados verbos de operação aspectual que envolvem “outputs” de cariz estativo.

Todas estas semelhanças levam-nos a concluir que, tal como sucede com o Presente do Indicativo, o Infinitivo Simples nos contextos sob análise manifesta marcas de temporalidade bastante evidentes: em particular, parece exhibir o traço de [-anterioridade], que se traduz normalmente numa relação de sobreposição quando co-ocorre com predicções estativas e, menos frequentemente, numa relação de posterioridade quando se combina com determinados eventos básicos.

Referências

- Binnick, Robert (1991) *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Cunha, Luís Filipe (1998) *Os operadores aspectuais do Português: contribuição para uma nova abordagem*. Cadernos de Linguística Nº 1. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.

- Cunha, Luís Filipe (2006) Frequência vs. Habitualidade: distinções e convergências. In *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León: SEL, pp. 333-357. Disponível on-line em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>
- Cunha, Luís Filipe & Purificação Silvano (2006) A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 303-314.
- Declerck, Renaat (1991) *Tense in English: its structure and use in discourse*. London / New York: Routledge.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) From discourse to logic: an introduction to model-theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1995) *Para uma análise semântica dos tempos do presente em Português*. Cadernos de Semântica nº 21. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lyons, John (1977) *Semantics*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press.
- Matos, Sérgio (1999) *Adverbiais de tempo em Português contemporâneo: forma e significação*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mateus, Maria Helena, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Faria (orgs.) (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 5ª edição, revista e aumentada.
- Móia, Telmo (1999) Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Oliveira, Fátima (1985) O Futuro em Português: alguns aspectos temporais e / ou modais. In *Actas do 1º Encontro da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 353-374.
- Oliveira, Fátima (2003) Tempo e Aspecto. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte e I. Faria (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Oliveira, Fátima & Ana Cristina Macário Lopes (1995) Tense and Aspect in Portuguese. In R. Thieroff (ed.) *Tense systems in European Languages*. Vol. II. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 95-115.
- Oliveira, Fátima, Luís Filipe Cunha & Anabela Gonçalves (2004) Aspectual verbs in European and Brazilian Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistics* 3 (1), pp. 141-173.
- Silvano, Purificação (2002) Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas. Dissertação de mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- Smith, Carlota S. (1991) *The parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press.